
Editorial

A BESTA TERAPÊUTICA: Neuropsicologia do vínculo e a arquitetura da conexão animal no desenvolvimento

Roberto Polanco – Carrasco 

Fundador e Editor da [Cuadernos de Neuropsicología / Panamerican Journal of Neuropsychology](#).

Pesquisador Independente, Chile.

É uma ironia deliciosa que, após séculos tentando nos distanciar do reino animal por meio da linguagem, da lógica formal e de psicofármacos complexos, terminemos admitindo que um Golden Retriever, com nível educacional nulo, pode alcançar avanços clínicos que por vezes escapam ao terapeuta mais laureado. Como editores, costumamos ver com ceticismo qualquer intervenção que não passe por um duplo-cego, mas a evidência acumulada sobre as Intervenções Assistidas por Animais (IAA) nos obriga, finalmente, a baixar a guarda. Não estamos diante de um modismo passageiro; estamos diante de uma ferramenta biopsicossocial de primeira ordem.

A história moderna desta disciplina não começou na assepsia de um laboratório, mas no consultório de Boris Levinson em 1962, quando seu cão, Jingles, decidiu assistir a uma sessão com uma criança com autismo severo. O que se seguiu não foi um milagre, mas um fenômeno de facilitação social: o animal atuou como um "objeto transicional" vivo, permitindo ao paciente estabelecer uma ponte de comunicação com o terapeuta. Hoje entendemos que esta "ponte" possui uma arquitetura neurobiológica clara: não é apenas "simpatia", é a ativação do sistema de ocitocina endógena que inibe a resposta da amígdala ao estresse social (Rodriguez-Moya et al., 2025).

Chamar de "terapia" qualquer interação com um animal é um erro comum que devemos erradicar da literatura científica. Para garantir a replicabilidade, é imperativo seguir a taxonomia internacional (IAHAIO, 2024):

Enquanto as Atividades (AAA) buscam o bem-estar emocional espontâneo, a Terapia (TAA) é uma intervenção estruturada, dirigida por um profissional de saúde com objetivos documentados no prontuário clínico. Em uma edição onde exploramos a arquitetura da aprendizagem leitora e as funções executivas na infância, a EAA (Educação) surge como um ambiente enriquecido que facilita a neuroplasticidade necessária para esses processos.

No âmbito da fisioterapia, o animal não é um adorno; é um motivador intrínseco. Em pacientes com acidentes cerebrovasculares, a interação com o animal reduz a percepção do esforço durante a cinesioterapia, facilitando a neuroplasticidade através da ativação de neurônios-espelho e da redução dos níveis de cortisol salivar (MDPI, 2025). O foco atencional desloca-se da dor para a interação social, verificando-se uma redução sustentada da pressão arterial e da frequência cardíaca.

Tabela 1.
Diferenciação técnica das Intervenções Assistidas por Animais (IAA)

Categoria	Definição e Objetivo Primário	Profissional Responsável	Documentação Clínica
AAA (Atividades)	Visitas espontâneas ou planejadas com fins motivacionais ou recreativos. Não requerem objetivos clínicos mensuráveis.	Voluntários ou técnicos capacitados.	Não requerida (apenas registro de visitas).
TAA (Terapia)	Intervenção estruturada e planejada para reabilitação física, cognitiva ou emocional. Possui objetivos de saúde específicos.	Profissional de saúde licenciado (Psicólogo, Fisioterapeuta, etc.).	Obrigatória: Deve constar no prontuário com avaliação de progresso.
EAA (Educação)	Focada em processos pedagógicos e de aprendizagem. Atua como um ambiente enriquecido que facilita a neuroplasticidade.	Psicopedagogo, docente ou educador especializado.	Registro formal de cumprimento de objetivos pedagógicos.

In the field of physiotherapy, the animal is not a decoration; it is an intrinsic motivator. For example, it is well known that the presence of animals improves mobility and coordination. In patients with cerebrovascular accidents (strokes), interaction with the animal reduces the perception of effort during kinesiology, facilitating neuroplasticity through the activation of mirror neurons and the reduction of salivary cortisol levels (MDPI, 2025). The animal is not a toy; it is an environmental modulator that reduces the perceived "threat" of the clinical setting. The attentional focus shifts from pain to social interaction, resulting in a sustained reduction in blood pressure and heart rate.

No âmbito da fisioterapia, o animal não é um adorno; é um motivador intrínseco. Em pacientes com acidentes cerebrovasculares, a interação com o animal reduz a percepção do esforço durante a cinesioterapia, facilitando a neuroplasticidade através da ativação de neurônios-espelho e da redução dos níveis de cortisol salivar (MDPI, 2025). O foco atencional desloca-se da dor para a interação social, verificando-se uma redução sustentada da pressão arterial e da frequência cardíaca.

Sob uma perspectiva neuropsicológica, o animal atua como um regulador emocional externo. No contexto de 2025, investigações de vanguarda sobre o Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT) sugerem que a TAA é particularmente efetiva na redução da hipervigilância. O animal, ao estar relaxado, envia um sinal de "segurança ambiental" ao sistema límbico do paciente, algo que um humano, com sua linguagem corporal complexa e por vezes ambígua, tem dificuldade em transmitir com a mesma eficácia.

Na abordagem de populações específicas, a vantagem competitiva da "besta" torna-se evidente. Para uma criança com TEA ou TDAH, o animal provê uma interação previsível e estritamente não verbal: uma âncora constante no meio do caos. Da mesma forma, no âmbito geriátrico, a intervenção devolve ao idoso o papel de cuidador, resgatando-o da passividade institucionalizada que o reduz a um mero "sujeito de cuidados" (Frontiers in Psychology, 2024).

Contudo, não podemos falar de ciência do comportamento sem mencionar o bem-estar animal. Seguindo o paradigma de "One Health", os protocolos de 2025 exigem uma avaliação do estado afetivo do animal mediante a observação de microssinais de estresse e a medição de biomarcadores como o cortisol, garantindo que o "co-terapeuta" não seja uma vítima do processo clínico. Segundo as diretrizes da IAHAIO, qualquer programa que não garanta o retiro do animal diante de sinais de fadiga por compaixão carece de validade ética e rigor científico.

A revisão dos dados brutos disponíveis nos indica que a "besta terapêutica" é, na verdade, um catalisador da nossa própria biologia. A terapia com animais não substitui a psicofarmacologia nem a terapia tradicional; ela as potencializa. Como pesquisadores, nosso dever é despojar estas intervenções do misticismo e continuar fornecendo dados sólidos que validem o que Levinson suspeitou há décadas: que, às vezes, o melhor caminho para a saúde mental humana tem quatro patas e uma cauda.

REFERENCIAS

- Chandler, C. K. (2021). *Animal-Assisted Therapy in Counseling* (4th ed.). Routledge.
- Frontiers in Psychology. (2024). New frontiers in Animal-Assisted Interventions: Social and emotional regulation in aging populations. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2024.1478264>
- IAHAIO. (2024). The IAHAIO White Paper: Definitions and Guidelines for Animal-Assisted Interventions and Guidelines for Wellness of Animals Involved.
- International Association of Human-Animal Interaction Organizations. <https://iahaio.org/best-practice-guidelines/>
- Levinson, B. M. (1962). The dog as a "co-therapist". *Mental Hygiene*, 46, 59–65.
- MDPI Animals. (2025). Physiological markers of stress and bonding in human-canine therapeutic dyads: A 2025 update. <https://www.mdpi.com/journal/animals>
- Rodriguez-Moya, A., & Peters, S. (2025). *Neuroplasticity and the Human-Animal Bond: Clinical Applications*. Academic Press.